

Resumo

A História, podendo ser vista e revista de diversas formas e vieses, abarca em seu conteúdo uma infinidade de temas passíveis de trabalho pelos mais diversos pesquisadores. Dessa forma existem temas mais buscados para pesquisas e outros que estão começando a ser mais visitados atualmente. A historiografia da homossexualidade é um desses temas que vem tomando mais forma no tempo presente, sendo objeto de maiores estudos devido à maior popularização do assunto nas ferramentas midiáticas e em muitos discursos políticos. Em consonância com esse aumento da visibilidade deste conceito, o presente artigo visa tratar sobre uma breve História da homossexualidade em diversos tempos históricos, tentando explicitar como, por que e onde surgiram algumas relações homoafetivas até o tempo presente, focando-se boa parte no território brasileiro, nos períodos de Brasil Colônia, Imperial e Republicano, assim como de que forma a imprensa falada e/ou escrita se comportou em meio às relações homoafetivas, seguindo de um breve histórico dos principais movimentos LGBT no Brasil.

Palavras-chave: homossexualidade; historiografia; movimentos; imprensa

Abstract

The History, which can be seen and reviewed in various forms and biases, encompasses in its content an infinite number of subjects that can be worked by the most diverse researchers. That way there are more searched themes for searches and others that are starting to be more visited today. The historiography of homosexuality is one of those topics that is taking shape in the present time, being object of greater studies due to the greater popularization of the subject in the media tools and in many political speeches. In line with this increased visibility to this concept, the present article aims to deal with a brief History of homosexuality in several historical times, trying to explain how, why and where some homoffective relations appeared until the present time, focusing much of the territory Brazilian, in the periods of colonial Brazil, Imperial and Republican, as well as the spoken and written press behaved in the middle of the homoffective relations, following a brief history of the main LGBT movements in Brazil.

Keywords: homosexuality; historiography; movements; the press

¹ Graduado em Licenciatura em História na FAFIT - Faculdades Integradas de Itararé.

Problematizar uma historiografia da homossexualidade assim como falar sobre a trajetória da inclusão do homossexual na História ainda é tarefa complicada para os pesquisadores. Hoje sabe-se que há relatos de práticas homoafetivas em quase todos os grupos sociais, numa escala quase atemporal. Em uma célebre frase que é constantemente atribuída a Goethe, escritor alemão, que nasceu no ano de 1749 e tendo falecido em 1832, declara-se que “a homossexualidade é tão antiga quanto a própria humanidade” (VECHIATTI, 2008, p. 40).

Entretanto, as diversas concepções culturais para a denominação da prática dificultam a interpretação coerente dos documentos históricos, além do que o preconceito, ao longo do tempo, fez com que muitos registros fossem eliminados, dificultando o trabalho do historiador.

O termo “homossexualidade” surge como proposta de categoria apenas no século XIX, onde um dos seus primeiros registros aparecem nos textos de Karoly Benkett, escritor austro-húngaro, que denunciava as legislações que traziam trechos preconceituosos a quem praticasse relações com pessoas do mesmo sexo (DIAS, 2009, p.47).

Sobre o conceito que surgiu a partir do século XIX, Vainfas analisa o cenário em questão afirmando que

Em seu clássico ensaio *A vontade de saber*, Michel Foucault viu no homossexualismo um conceito típico do século XIX, inscrito na incorporação das “sexualidades periféricas” e na nova especificação dos indivíduos pela *scientia sexualis* ocidental. O homossexual seria, a partir de então, um personagem dotado de uma trajetória particular, uma infância, um caráter e uma anatomia específica e, quem sabe, de uma fisiologia misteriosa (VAINFAS, 2011, p. 132).

Vários termos foram utilizados para classificar as pessoas que sentiam atração pelo mesmo sexo, adjetivos estes que ainda são usados com frequência, como abominação, marica, desviado, fanchona, frescura, pederasta, sapatão e sodomita.

As relações homoafetivas, em grande parte do mundo, foram constantemente consideradas crime. O jornal *O Expresso*, de Portugal, aborda essa questão ao narrar que a homossexualidade ainda é assim considerada em cerca de 72 países, e em pelo menos 8 a punição é a sentença de morte, prática esta que vem acontecendo desde muito tempo.

Ao falar sobre as diversas penas de morte a que os homossexuais já foram acometidos, Raspanti traz a questão ao abordar que:

E os homossexuais foram condenados a diferentes penas de morte: apedrejados, segundo a Lei Judaica; decapitados, por ordem do Imperador Constantino a partir de 342 d.C.; enforcados, afogados ou queimados nas fogueiras da Inquisição, durante a Idade Média e até os tempos modernos” (RASPANTI, 2014, p. 1).

Tendo em vista que o termo homossexualidade surgiu apenas no século XIX, retratar o que seriam essas relações em épocas anteriores a este período, tentando compreendê-las a partir das noções

que hoje temos é, para alguns historiadores, cair no anacronismo². Dessa forma, ao redigir uma historiografia da homossexualidade em épocas anteriores ao século XIX, deve-se tentar narrar como e porque ocorreram algumas dessas experiências, sem se deixar levar pelas crenças que possuímos hoje, mas sim, pela forma que se pensava no contexto histórico estudado.

Fazendo a análise deste modo, observa-se que as relações com pessoas do mesmo sexo são tão antigas quanto a própria História, e tais relações ocorreram por diversos motivos, desde por causas sentimentais como por rituais religiosos. NAPHY (2006), descreve como um dos exemplos mais antigos que se tem, observa-se, através de registros deixados em ilhas no oceano pacífico, onde hoje se localizam Nova Guiné, Fiji e Salomão, que há cerca de 10 mil anos atrás praticava-se o ato sexual com pessoas do mesmo sexo, numa espécie de ritual na busca de conhecimentos sagrados, advindos apenas desse modo. Neste rito, um dos homens aparecia sempre travestido, simbolizando um espírito alegre.

NAPHY (2006), ainda relata que na Mesopotâmia, o Código de Hamurabi, datado do século XVIII a.C, previa privilégios que seriam concedidos a prostitutos e prostitutas que participassem de cultos religiosos, tendo relações com homens nos templos. Posteriormente, as leis Hititas, há 3 mil anos, chegaram a reconhecer uniões de pessoas do mesmo sexo.

Na Grécia e Roma antigas a relação homoafetiva entre um homem mais velho e um adolescente fazendo o papel de passivo³ era considerada como parte do processo educacional. A partir das relações sexuais, o jovem se apropriaria das virtudes e conhecimentos do seu pederasta. Todavia se as relações ocorressem na ordem inversa, os adultos passivos seriam desprezados pela sociedade e impedidos de exercer cargos públicos.

Fica claro que o amor entre homens era amplamente aceito entre os povos antigos, sendo, contudo, valorizado apenas o “polo ativo” da relação. Isso se explica porque o machismo⁴, já naquela época, vislumbrava o ato sexual ativo como a postura masculina, sendo o ato sexual passivo tido como uma postura feminina. Em outras palavras, não era analisado o sexo biológico da pessoa para a qual o homem direcionava seu amor, mas o papel sexual que ele desempenhava. Ou seja, um homem que mantivesse uma relação sexual passiva era colocado no mesmo patamar que uma mulher, que era socialmente desprezada pela camada dominante da população, composta por homens. Dita passividade somente era aceitável em meninos adolescentes, justamente por ser vista como a forma de eles alcançarem a masculinidade (VECHIATTI, 2008, p. 41).

Segundo VAINFAS (2011), este tipo de relacionamento, de vertente educacional, normalmente se iniciava aos 12 anos e encerraria por volta dos 18 anos, sendo que aos 25 anos, o jovem se tornava adulto, podendo assim participar desse processo educacional, na posição de “ativo”. Para Só-

² Termo utilizado ao se referir a algo que está fora de seu contexto, como a própria análise das práticas homoafetivas anteriores ao século XIX, visto que foi apenas neste momento que o termo foi criado.

³ Na sexualidade conceitua-se como passivo o indivíduo que no sexo homossexual recebe a penetração, sendo que o que penetra recebe a denominação de “ativo”.

⁴ Ressalta-se que o conceito de machismo é uma construção social da sociedade contemporânea, logo, falar de machismo na Antiguidade Clássica é igualmente anacrônico.

crates, importante filósofo grego, as relações sexuais com rapazes eram uma importante forma de inspiração, enquanto que as relações sexuais com mulheres, aconteceriam apenas com o intuito da reprodução.

Para os romanos o ato de se praticar relações sexuais com seus escravos, mesmo dentre aqueles mais conservadores, não os deixavam em situação constrangedora, contudo, isso ocorreria desde que não se relacionassem de forma a ser “passivo”, algo malvisto que colocaria em risco a sua posição de cidadão, sendo considerado tal atitude, monstruosa (VAINFAS, 2011).

Esse modo como as civilizações antigas encaram as relações com pessoas do mesmo sexo pode em muito ser compreendida a partir de suas crenças. A mitologia greco-romana está cercada de heróis, deuses e deusas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, alguns são até mesmo assexuados, outras mitologias, como a de Ganesh, deus hindu, nasceu da relação de duas divindades femininas. Assim, é passível de se entender que, anteriormente, a prática sexual não acontecia apenas para a reprodução, tendo sido essa visão modificada a partir do advento do Cristianismo.

A partir do século IV, com a conversão do imperador Constantino à fé cristã e consequente imposição da sua religião em Roma, o sexo passou a ser visto como algo que seria realizado apenas para a reprodução. Com isso, as relações entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser vistas como pecado, sendo que durante o reinado de Teodósio, se tem o registro do primeiro castigo corporal a pessoas que foram pegas praticando o ato.

Assim, se compreende que essas relações estariam nesse momento por muito tempo proibidas, sendo que em alguns locais permanecem nessa condição até hoje. Em 533, o Imperador Justiniano associou as relações homoafetivas ao adultério, crime para o qual a pena era a morte. Posteriormente, a lei passou a obrigar que pessoas pegas neste ato se arrependessem de seus pecados e a assim fizessem uma série de penitências.

No século VII, o nascimento e a expansão do Islamismo continuou a cultivar a ideia de que o sexo era útil apenas para reprodução, assim as relações entre pessoas do mesmo sexo eram duramente combatidas. Costumeiramente se observa que essas punições eram reservadas mais em torno daqueles que estavam na base da pirâmide social, pois até o século XIV se pode dizer que os costumes entre as classes dominantes permaneceram os mesmos, principalmente com o advento do humanismo e do Renascimento, no qual os valores clássicos, como o vislumbre pela beleza das formas masculinas, voltaram à tona.

Conforme VAINFAS (2011) aponta, durante o período da peste negra, que devastou a Europa, matando milhões de pessoas, foi determinado que a causa da doença, por estarem esgotadas muitas das opções já concebidas, era aquilo que se denominou de “o pecado”. Este se caracterizava pelas relações entre homens, que segundo a Igreja Católica, era a causa de diversas catástrofes, da guerra e da fome que assolava o continente europeu.

Assim, a solução foi a erradicação de quem praticasse “o pecado”: por cerca de 70 anos, mais de 17 mil homens foram incriminados e cerca de 3 mil foram mortos só na cidade de Florença, que tinha população aproximada de 40 mil pessoas na época.

Em Portugal, em meados do século XV, a relação homoafetiva era denominada de “mau pecado”, “sodomia” ou “pecado nefando”, sendo assim, era algo sobre o qual não deveria se tratar em todo o reino português. Nesta época, este tipo de relacionamento foi criminalizado pela Igreja, pelo Estado e pela Inquisição, tendo como pena a sentença de morte, justificada por ser “uma prática que nem mesmo o diabo seria capaz de cometer”, expressão falada pelo padre Raphael Bluteau, e registrada no Vocabulário Português e Latino (1712-1728) (VAINFAS, 2011).

O considerado “pecado nefando” foi criminalizado pelas ordenações Afonsinas (1476-1477), como também pelas Manuelinas (1476-1477), e pelas Filipinas (1603), sendo que quem cometesse o crime deveria ser queimado, ter os bens confiscados. Também os descendentes seriam marcados pelo pecado de seu antecedente pecador, além de sofrerem muita tortura antes de sua morte, sendo que, para que os que tinham uma postura mais afeminada, a sentença se tornaria mais cruel ainda antes da morte certa (VAINFAS, 2011).

O único crime moral que recebeu como sentença a fogueira da Inquisição foi a prática homoafetiva. Neste caso, receber o perdão e se livrar da pena da morte era praticamente impossível. Além disso, RASPANTI (2016), aborda que a repressão não advinha apenas da Igreja ou do Estado, mas sim da comunidade em geral, cuja maioria ajudava estas instituições, ao denunciar aqueles que cometiam este pecado.

No Brasil, embora se tenha poucos registros da época, ainda se reúnem alguns documentos que retratam como se tratava a homoafetividade no período colonial, quando do predomínio da Igreja Católica: aqueles que a praticavam eram duramente penalizados.

A primeira instituição a registrar a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo foi o Santo Ofício, que a partir do século XVI exerceu forte pressão para evitar a homossexualidade. Aos que infringiam as regras baseadas em credos religiosos e impostas pelo Estado cabiam severas punições, como multas, prisão, expulsão do País e até a pena de morte. De acordo com James Green (1999), entre 1587 e 1794 a inquisição portuguesa registrou 4.419 denúncias de práticas homossexuais, destas 394 foram a julgamento e 34 pessoas acabaram queimadas (NASCIMENTO, 2015, p. 38).

Dentre os registros encontrados sobre as relações homoafetivas desta época, o *14º Caderno do Nefando da Inquisição de Lisboa* catalogou vários casos de crimes contra os tais sodomitas ocorridos no Brasil. Um desses casos aconteceu no ano de 1678, em Sergipe del Rey, onde um escravo teria sido açoitado até a morte por ter praticado relações sexuais com um capitão do exército, de nome Pedro Gomes. Também estaria envolvido nesse tipo de relação um sacerdote, o padre Diogo Pereira.

Além desse tipo de crime, ressalta-se que no território várias outras práticas consideradas crime também eram cometidas, como a bigamia, a blasfêmia e a heresia, contudo, nesses casos, o Santo Ofício não exercia uma pressão tão incisiva quanto a que ocorria com os casos de sodomia.

A partir de meados do século XVI, diversos “crimes morais”, que no restante do mundo católico permaneceram na alçada secular ou eclesiástica, passaram, na Península Ibérica, para a esfera inquisitorial. Foi o caso da bigamia, da sodomia, da bestialidade, de certas incontinências clericais e de algumas proposições verbais ofensivas às regras morais da Igreja. Mas por que a sodomia, e não o adultério, por exemplo, passou à competência do Santo Ofício — se ambos eram atitudes sexuais ofensivas à lei de Deus? Por que a bigamia, e não o concubinato? Por que a chamada “defesa da fornicação simples”, e não as próprias relações sexuais entre pessoas solteiras? A resposta algo paradoxal a essas questões reside em que a ingerência do Santo Ofício no terreno dos desejos e das moralidades desviantes jamais se referiu a “crimes morais”, considerados em si mesmos, senão àqueles que, de um modo ou de outro, fossem assimiláveis a heresias (VAINFAS, 2011, p. 169).

Anteriormente a este episódio, o primeiro crime nesse sentido que se tem registro no Brasil, de acordo com o mesmo livro, ocorreu no ano de 1612, quando 3 navios franceses chegavam ao Maranhão, patrocinados pela rainha Maria de Medicis, no intuito de fundar ali uma colônia. Desembarcam cerca de 500 colonos e 4 missionários da ordem dos Capuchinhos, os quais narraram que os nativos apresentavam uma sexualidade tão deturpada que por isso os adjetivaram de “escravos do Diabo”, por andarem nus e praticarem a sodomia.

Neste território, os frades determinaram que os índios deveriam ser procurados e capturados para que assim a terra fosse purificada, segundo eles, evitando a ira divina. Após um tempo, conseguiram prender um desses índios na mata, o qual foi morto por ter relações com nativos do mesmo sexo, sendo executado ao ser amarrado à boca de um canhão, dividindo assim seu corpo em duas partes, mas não sem antes receber o batismo para que sua alma pudesse ser então lavada e salva.⁵

No século XVII o Santo Ofício começava a modificar a forma com que estava levando as perseguições homoafetivas. A partir deste momento o Santo Ofício relatava que quem seria mais perseguido seriam os homens e não as mulheres sodomitas. Esta regulação aconteceu pelos poucos relatos que haviam da prática homoafetiva de mulheres na Europa, analisando-se que a maioria ocorria na corte ou em conventos, sendo de difícil distinção por se confundirem muito com as práticas comuns do cotidiano das mulheres. Na metade deste século, a Inquisição praticamente parou de averiguar as denúncias deste tipo de crime, pois, para eles, mulheres não teriam condições anatômicas para realizar tal feito (RASPANTI, 2016).

Mesmo com a redução do poder da Igreja Católica no Brasil, no século XIX, em sua fase imperial, a prática homossexual continuava a ser condenada, principalmente se acontecessem quaisquer

⁵ O episódio foi retratado no livro escrito pelo Frei Yves d’Evreux intitulado *História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614*, onde este comparou o índio recém batizado com o ladrão perdoado por Jesus, em seu calvário.

tipos de manifestações sentimentais em público, as quais eram vistas como “atos públicos de indecência”. Tendo o preconceito se consolidado cada vez mais, principalmente pela legislação vigente, muitas vezes ocorreram repressões da polícia para com estes, sejam por serem considerados afeminados, por praticarem a prostituição ou por demonstrarem afeto.

Neste século, em âmbito mundial, a medicina, assim como a psicologia, começou a estudar as manifestações homossexuais, onde a prática começaria a ser vista como uma doença, surgindo assim o termo “homossexualismo”, dando maior fôlego para as pesquisas em torno de uma cura para esta “doença”, aumentando os casos de preconceito, ao se criar diversas formas de tortura com a justificativa de tratar estes doentes, que eram considerados como “desviantes”, “perversos” e “anormais”. Sobre este momento da História, Vecchiatti aborda a questão analisando que

Com relação à homossexualidade, dita evolução de pensamento fez os cientistas considerarem, a princípio, a homossexualidade não como um “pecado”, como defendem muitas Igrejas, mas como uma “doença”, partindo do pressuposto de que a heterossexualidade seria a conduta “sadia” e a homossexualidade um “distúrbio”, um “desvio comportamental” etc. Dessa ideia cunhou-se a palavra “homossexualismo”, uma vez que o sufixo “-ismo” significa “doença”. Logo, a princípio a ciência médica classificou o sentimento de amor por pessoas do mesmo sexo como uma doença que deveria ser tratada (VECCHIATTI, 2008, p. 90).

Principalmente no século XIX e na primeira metade do século XX, várias alternativas da medicina surgiram com esse intuito de cura para tratar a chamada “inversão sexual”. Exemplos de técnicas para esses tratamentos não faltavam, mas os principais se concentravam na convulsoterapia⁶, o confinamento em hospícios, a prática da lobotomia, da castração, do transplante de testículos, as sessões de eletrochoques e a técnica de aversão⁷.

A “medicalização” do homossexual se oporia, assim, à antiga concepção de sodomia presente nos direitos civil ou canônico como ato proibido pelos mandamentos divinos e pelas leis humanas. O homossexual tornar-se-ia um indivíduo doente, anormal, e não apenas o sujeito jurídico de um crime a um só tempo religioso e civil (VAINFAS, 2011, p. 132).

Somente em 1993 a homossexualidade deixou de ser classificada como doença, tendo este fato acontecido, pois, após anos de pesquisa, não se encontrou nada que ligasse ela a um vínculo doentio. Contudo, a Organização Mundial da Saúde (OMS), a inseriu entre os “sintomas decorrentes de circunstâncias psicossociais”, ainda a aliando a desvios comportamentais. Em 1995, as relações homossexuais passariam a ser caracterizadas como “transtornos de preferência sexual”, aonde o seu sufixo “-ismo” é

⁶ Tratamento realizado com base em aplicações de insulina, provocando convulsões no paciente, ditos de comportamento esquizofrênico.

⁷ Técnica que consistia em se tomar drogas indutoras de vômitos e, em seguida, os internos eram obrigados a ver cenas de homens nus, posteriormente tomavam injeções de testosterona, sendo então expostos a cenas de mulheres nuas.

substituído por “-dade” (caracterizando um “modo de ser”), dando maior sutileza ao termo, diminuindo a ideia de que a homossexualidade seria uma doença.

Além da medicina e da psicologia, outras ciências também escreveram sobre a presença dos homossexuais e assim os caracterizavam conforme a opinião de seu autor. Como exemplo dessa situação, a literatura abordou a questão da homossexualidade, o que pode ser verificado em algumas obras.

O livro *O Bom Crioulo*, escrito em 1885, por Adolfo Caminha, foi uma dessas obras onde se narrou o enlace amoroso de dois marinheiros, descrevendo inclusive os seus atos sexuais. Foi ainda mais criticada pelo fato de um deles ser negro. Em 1937, a Marinha embargou a reedição do livro, sendo que outra publicação só foi permitida na década de 1980. Valentim Magalhães criticou duramente o livro na época ao narrar que

Ora o Bom Crioulo excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou noivados entre as hervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural, por ignóbil. Não é, pois, somente um livro faisandé: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus [...]. Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante (MAGALHÃES, 1895, p. 1 apud HOWES, 2005, p. 173-174).

O livro *O Cortiço*, publicado em 1880 e escrito por Aluísio de Azevedo abordou também a temática homossexual, narrando a relação homoafetiva entre duas mulheres, sendo elas madrinha e afilhada, respectivamente Léonie, caracterizada como pervertida e prostituta, e Pombinha, aliciada pela madrinha à prostituição. No livro é descrito o ato sexual realizado por elas.

Já mais para o final do século XIX, no ano de 1894, o professor criminalista José Viveiros, publicou o livro *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Neste livro, em um de seus capítulos, denominado de “Pederastia”, utilizou pejorativamente o termo “frescos”, para adjetivar homens que mantinham relações homossexuais.

Segundo GREEN (2000) outros autores, como Ferraz de Macedo, associava a prática a uma criação moral imprópria, considerando-a aberração da natureza, além de classificá-la em uma categoria que divergia entre “penetradores” e “penetrados”. O autor ainda enfatizava que o remédio para a cura desse mal seria a moralidade e não a medicina.

Além da literatura, a imprensa também tratou de descrever e posteriormente fotografar a classe homossexual, tanto no Brasil quanto no mundo. A imprensa homoerótica mudou constantemente o foco de seus impressos de acordo com a forma como a cultura e os contextos sociais eram mudados no território brasileiro e no mundo.

Nos anos de 1963 até 1969, o periódico de maior sucesso se denominou *O Snob*, tendo como editor Agildo Guimarães. A revista, que teve 100 edições lançadas, era feita a partir de um processo de produção quase artesanal, sendo mimeografada, cuja divulgação era restrita normalmente a alguns pontos na cidade do Rio de Janeiro. Neste tempo, a revista ganhou destaque por apresentar notícias sobre o cenário gay da localidade, além de ter um caráter social ao falar sobre diversas discussões sobre sexualidade, e cultural ao falar de livros, teatro e cinema.

Se deve ressaltar, segundo FACCHINI (2000), que o termo “gay” vem sendo utilizado para a designação aos homossexuais, principalmente masculinos, desde a década de 1950, visto que para as mulheres o termo mais comum desde essa época é o de lésbicas. Contudo, a palavra de origem inglesa, que por sua vez deriva do verbete francês “gai”, significava originalmente “alegre”.

A palavra “gay” teve várias significações ao longo do tempo. Durante o século XVII foi sinônimo de imoralidade. Já no século XIX, era utilizado para designar as prostitutas, quando se referisse às mulheres, ou a alguém que já tinha feito sexo com muitas mulheres, ao se tratar dos homens. O termo só começou a ser associado a pessoas que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo a partir de 1920 e 1930.

Em 1955, a palavra ganhou a conotação que tem hoje, no caso, categorizando os homossexuais. O termo “gay” ganhou destaque pelo fato de que o termo “homossexual” ainda era categorizado como algo muito clínico, mesmo com a substituição do seu sufixo, não abrangendo assim a conotação de um aspecto da vida humana natural, como muitos gostariam de ser retratados (FACCHINI, 2000).

Após o fechamento da revista *O Snob*, devido às condições econômicas e à censura militar, a maioria das revistas que foram lançadas não resistiu ao primeiro ano de trabalho. A única revista que conseguiu realmente se estabelecer nesse período, no final dos anos 70, foi a *Lampião da Esquina*, que tinha como redatores principais: José Silvério Trevisan, Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Peter Fry, Adão Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques e João Antônio Mascarenhas (AMARAL, 2014).

A revista tinha como proposta para os homossexuais o reconhecimento como cidadão com linguagem irreverente, bom engajamento político e destacava-se pela sua militância, perpassando estados do Norte e Nordeste brasileiro. Contudo, principalmente a partir dos anos de 1980, as revistas de teor pornográfico produzidas em massa no exterior, chegam ao Brasil com fôlego, fazendo com que *Lampião da Esquina* perdesse muito seu público.

AMARAL (2014) ainda destaca que nas últimas edições da revista, na busca por recuperar sua clientela, começou a estampar ensaios fotográficos de homens nus em suas páginas, o que colaborou com sua má receptividade. Dizia-se que o periódico iniciou suas edições de modo elegante, contudo, terminou pornográfico no ano de 1981.

Após o fechamento desta revista, a imprensa homoerótica só retornou em 1990, com o lançamento da *Sui Generis*, que fechou rapidamente por não ter aderido à onda do erotismo. Mesmo com a editora tentando estabelecer posteriormente o seu público com o lançamento da revista *Homens*,

que continha ensaios com homens nus, não conseguiu se sobrepôr à *G Magazine* que contava com a presença de jogadores de futebol, cantores e outras figuras do cenário midiático, nus e excitados em suas páginas, já estabelecendo quais seriam os ideais de beleza a serem perseguidos e conquistados na contemporaneidade.

A partir dos anos 2000, os periódicos *Dom e Júnior* surgem no Brasil, sendo que este último ainda está em circulação no Brasil, expondo em sua capa e em seus conteúdos corpos sarados, em poses sensuais e com pouca roupa, além de dicas de exercícios físicos e de alimentação saudável, dicas de moda, e vários ensaios fotográficos de homens, na maioria das vezes, em nu artístico.

Estes assuntos a partir de então seriam os mais frequentes de se observar nas revistas para a manutenção de seu público, perdendo assim espaço as questões sociais e políticas que foram os temas iniciais da imprensa homoerótica tanto no Brasil como no mundo.

Mesmo com a imprensa homoerótica tendo indo para este viés, é notório que outras formas de expressão homossexual sejam vistas e assim podendo ser assunto de debates nos mais diversos meios, sejam eles, na literatura, na música, no cinema, no rádio, na internet e também na televisão.

A televisão, aliás, é um equipamento eletrônico que perpassa as várias camadas sociais e é uma inegável ferramenta que exerce poder e influência na sociedade. O seu discurso pode influenciar a opinião dos mais diversos grupos sociais. E com isso, a televisão estabelece, principalmente em suas telenovelas, vários discursos para os mais diversos temas sociais, culturais e políticos, e assim não é diferente com a homossexualidade.

É fato que por muito tempo, os homossexuais só eram interpretados nas novelas como personagens caricatos em tom cômico pela sua extravagância e nos trejeitos “afeminados”. Esta era a imagem perpassada nas novelas sobre este grupo, como se apenas assim a homossexualidade pudesse existir; era aceita pelo humor. A presença de casais homoafetivos tem aparecido de modo muito recente nas telenovelas, muitos deles fugindo desse tom caricato. Personagens que buscam ter uma profissão, se relacionar, constituir uma família, ter uma história durante a trama, e não apenas ter como função a diversão do telespectador entre uma cena e outra da sua trama principal são os que mais têm tido destaque de cunho LGBT na última década principalmente. Contudo, a partir desse momento, a crítica referida ao surgimento desse tipo de personagem tem sido cada vez maior.

BALBINO (2015), aponta que cenas de beijo gay como a gravada mas não exibida em *América*, no ano de 2005, entre os personagens Júnior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro), além da primeira cena finalmente exibida, em 2014, na novela *Amor a Vida*, entre Felix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), tem levantado duras opiniões entre telespectadores. Alguns telespectadores, para o autor, não veem mal em cenas similares de teor heterossexual nas novelas, mas, se forem com personagens homossexuais, estas são reprimidas. O mesmo aconteceu no ano de 2016, dessa vez com a primeira cena de sexo homossexual, exibida na novela *Liberdade, Liberdade*, protagonizado pelos personagens André (Caio Blat) e Tolentino (Ricardo Pereira).

Dessa forma, percebe-se que a televisão pode ser um importante agente transmissor de discursos e estereótipos. Se outrora ela foi precursora em ilustrar a presença homossexual de forma caricata e humorística, ao mudar a forma de tratamento tendo o foco no desenvolvimento identitário dos personagens LGBT, ela gera acirrados conflitos. Por consequência, o estudo da história televisiva e da indústria cultural tornam-se elementos preponderantes para se atentar para a ligação entre estas situações, analisando-se a forma em que se constrói e com qual intuito são construídos os discursos nestas produções.

Em se tratando dos principais movimentos LGBT na historiografia brasileira, OLIVEIRA (2010), relata que durante o final da década de 1970 se registrou pela primeira vez na literatura as primeiras incursões do movimento homossexual – como denominado inicialmente - no Brasil, com a criação do grupo SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, sendo que nessa época ele se concentrou no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Posteriormente, na década de 1980, os movimentos passaram a sofrer uma redução nos avanços que estavam tendo em referência à quantia de grupos existentes e que se criavam, apresentando menor destaque nesse período, devido à constante associação que se pensava ter entre a prática homossexual e a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que se alastrava no território brasileiro e em vários locais do mundo.

A partir desse momento, a atuação dos movimentos homossexuais se tornaria mais pragmática, focando na garantia dos direitos civis e na busca de políticas que fossem contra as constantes violências que se dirigiam aos homossexuais. Com esse novo foco, gradativamente, o movimento homossexual se deslocava do seu eixo inicial, Rio-São Paulo, para se difundir por várias partes do país, como é o caso da criação do Grupo Gay da Bahia, mais conhecido como GGB, tendo como fundador o professor, antropólogo e historiador Luiz Mott (REVISTA PRÉ-UNIVESP, 2017).

A década de 1990 se destaca como sendo um período de grande expansão para os movimentos homossexuais, que passariam a ser mais comumente chamados, a partir de 1993, de Movimento de Gays e Lésbicas (MGL) e, em 1995, de Movimento de Gays, Lésbicas e Travestis (GLT). Neste ano, com a criação de um dos principais grupos ativistas do Brasil, ainda em funcionamento, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLBT), a história dos movimentos GLT se tornaria ainda mais forte. No ano de 1998, a ABGLBT já listava cerca de 68 grupos brasileiros nela afiliados, em 2006, 141 entidades compunham esse grupo e em 2007 o número já era de 157, demonstrando-se assim como o movimento se fortalecia cada vez mais (OLIVEIRA, 2010).

Principalmente durante a década de 1990, por mais que muitos grupos de minorias sociais apresentassem um declínio, o movimento GLT, ao se diversificar nos seus formatos e nos seus âmbitos de atuação, conseguiu cada vez mais espaços de participação e visibilidade social, conquistados pelas organizações das Paradas do Orgulho Gay, pela busca por projetos de lei que os defendessem e pela inserção do homossexual na mídia, seja em personagens de filmes ou em telenovelas e em programas de comunicação como telejornais e programas de entretenimento.

Em 2005, durante o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, é aprovado o termo GLBT, incluindo a categoria sexual da Bissexualidade à sigla que os representava, assim como designando a letra T aos Transexuais e Transgêneros, além dos Travestis. Em 2008, nova mudança ocorreu no uso da sigla ao objetivar uma necessidade de se aumentar a visibilidade do grupo das Lésbicas que se encontrava cada vez mais esquecido e longe do alvo de muitos grupos. À essa mudança corresponde uma inversão da sigla que de GLBT passaria a ser denominada LGBT.

O grupo GGB se caracteriza como o mais antigo grupo gay do Brasil, recebendo diversas pessoas que visitam a instituição, seja por curiosidade ou pelo intuito de buscar preservativos. Além disso, estudantes para lá se dirigem para fazer pesquisas acadêmicas, fato caracterizado pelo motivo de se produzir materiais sobre direitos humanos LGBT, atualizados constantemente. A ABGLBT se tornou o maior grupo LGBT da América Latina, tendo em sua composição a presença de 308 organizações, atuando principalmente com grupos específicos, como os adolescentes gays ou mais especificamente com os familiares deste, além de outras especificidades (REVISTA PRÉ UNIVESP, 2017).

Por meio disso, a historiografia da homossexualidade, embora careça de fontes, tendo por base a forma como ela perpassou as diversas sociedades, tem registrado gradativamente sua presença através da atuação de vários movimentos em todo o mundo. Do mesmo modo, o trabalho de profissionais como historiadores, antropólogos e sociólogos, tem aumentado a visibilidade destes grupos. O trabalho da mídia também fortalece essa visibilidade, estimulando o público a construir um pensamento sobre os LGBT, seja este influenciado de forma tanto positiva quanto negativa, de acordo com a forma como são ilustrados nos diversos meios de comunicação como o cinema e a televisão.

Referências

- AMARAL, Muriel Emídio P. Notas sobre a imprensa homoerótica brasileira. *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/notas-sobre-a-imprensa-homoerotica-brasileira/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.
- AYER, Flávia; BOTTREL, Fred. Brasil é país que mais mata travestis e transexuais. *Jornal O Estado de Minas*. Acesso em 26 de ago. de 2017. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>>.
- BALBINO, Jéfferson. “O beijo gay na teledramaturgia: uma visão panorâmica”. *Revista de Estudos da Comunicação*. v. 16, n. 41, p. 385-395, 2015.
- DIAS, Maria Berenice. *União Homoafetiva: Preconceito e a Justiça*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 4.ed., 2009, p.47.
- FACCHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1914).
- GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 547 p.
- HOWES, R. “Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha”. *Graphos, Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB*, v. 7. n. 2/1, p. 171-190, 2005.
- MOTT, Luiz. Moleque escravo açoitado até a morte pelo crime de sodomia (1678). *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/moleque-escravo-acoitado-ate-a-morte-pelo-crime-de-sodomia-1678/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.
- _____. O primeiro crime homofóbico no Brasil. *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/o-primeiro-crime-homofobico-no-brasil/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.
- NAPHY, William. *Born To Be Gay: História da Homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- NASCIMENTO, Fernanda. *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida*. Dissertação de mestrado em Comunicação Social – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- O EXPRESSO. Homossexualidade é ilegal em 72 países e punida com pena de morte em oito. *Expresso*. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/revista-de-imprensa/2017-07-27-Homossexualidade-e-ilegal-em-72-paises-e-punida-com-pena-de-morte-em-oito>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.
- OLIVEIRA, Gláucia da Silva Destro de. “Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT”. *Cadernos Pagú*. n. 34. Campinas, 2010.
- PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Homossexualidade e antilusitanismo: os “frescos” do Brasil Império. *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/homossexualidade-e-antilusitanismo-os-frescos-do-brasil-imperio/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.

RASPANTI, Marcia Pinna. “Atos nefandos”: a Inquisição e a homossexualidade dos clérigos. *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/atos-nefandos-a-inquisicao-e-a-homossexualidade-dos-clerigos/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.

_____. Dia dos Namorados: amores “misturados” ou inversão de papéis? *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/dia-dos-namorados-amores-misturados-ou-inversao-de-papeis/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017.

_____. Machões X Afeminados: a construção do “homem moderno” (29.07.2014). *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/machoes-x-afeminados-a-construcao-do-homem-moderno/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017

_____. O “gay power” e a vitimização do “macho” (23.08.2014). *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/o-gay-power-e-a-vitimizacao-do-macho/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017

_____. Sexo homossexual na novela: escândalo? *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/sexo-homossexual-na-novela-escandalo/>>. Acesso em 26 de ago de 2017.

_____. Vamos falar sobre Gênero? (23.01.2016). *História Hoje*. Disponível em: < <http://historiahoje.com/vamos-falar-sobre-genero/>>. Acesso em 26 de ago. de 2017

REVISTA PRÉ-UNIVESP. Histórico da Luta de LGBT no Brasil. *Revista Pré-Univesp*, n. 61, 2017. Disponível em: < <http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WxhA10gvzIU>>. Acesso em 28 de ago. de 2017.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1 ed., 2011, 309 p.

VECHIATTI, Paulo Roberto da. *Manual da Homoafetividade: da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos*. Rio de Janeiro: Forense, 2 ed., 2012. 527 p.